

# Penna, Agulha e Galher

SEMANARIO DE DONAS E DONZELLAS

Directora: Zenir Alca  
Caixa postal n. 49

Supplemento da «Epoca»  
Anno VIII—Num. 44

Anno II

Florianopolis, 18 de Agosto de 1918

Num. 1

## Salve, 18 de Agosto !

Deves estar radiante pelo primeiro anniversario da «P. A. e C.», Zenir, e não é para menos !

Vencer é sempre uma gloria, e tu venceste, durante um anno, o desanimo, pela indiferença de uns, e a vaidade, pelo interesse que outros têm tomado, felizmente, pelo desenvolvimento da secção feminina da «Epoca», a que de corpo e alma te dedicaste !

Meus parabens, pois, e avante, que não está terminada a peleja !

Viver  lutar ! e são vence aquelle que, pondo os olhos no alto, em Deus confia e em Deus espera !

Jamais te desanimem as contrariedades ! S forte, ou, melhor, continúa a ser forte, vencendo os obstaculos que se oppuzerem  realização do teu ideal !

Acceita mais uma vez, pela auspiciosa data de hoje, os parabens sinceros da

Mary.

## Leda Dionne

A primavera estendia sobre a pequena cidade de G.... o seu vo perfumado e suave. As arvores estavam em pleno vigor, e os jardins pareciam uma sala florida.

Tambem no jardim da Villa Olga as flores exhalavam seus aromas. Os passaros cantavam, e o mar vinha quebrar suas ondas nas pedras que se estendiam pela praia deserta.

Era tudo primavera ! Até os homens pareciam ter resuscitado. E quem passasse naquella bella manhan pela Villa florida, havia de pensar que nella habitasse a felicidade.

Desenganava-se, porém, quem olhasse através das espessas cortinas de velludo que cerravam as largas janellas. Sobre um divan ricamente ornamentado estava deitada uma jovem. Ella não passava dos vinte, mas a fardilallidez que lhe cobria o angosto rosto e os anneis az...

cum davam os olhos negros, davam-lhe um ar de mais velha. Vestia ella um leve *nglig* que em pregas lhe cahia pelo corpo. Os cabellos, negros e brilhantes, cobriam-lhe as espaduas em grossas ondas. Que faltaria aquella jovem que a natureza ornara de todo o encanto ? !

Filha de um rico banqueiro, fra ella creada com toda a pompa, faltando-lhe, porém, o mimo e a caricia da mãe, que nos aquece o coração. O pae era um homem que vivia são para o trabalho, entregando a educação da filha unica s governantes, que iam mudando com a idade da menina. Em pequena ella não tomava parte nas refeições, que seu pae tomava são em seu escriptorio. Mais tarde, quando chegara aos 14 annos, via seu pae mais a miudo, e por sua ordem comia então em sua companhia, na grande sala de jantar, onde sua mãe passara horas tão felizes. Apesar de ter mais intimidade agora com o pae, o seu coração ficava frio, e não sentia ella por elle sino o fundo respeito que sua seriedade lhe inspirava. Assim passaram-se annos. A menina de outrora estava moço formada. Mas, como dantes, vivia ella afastada da mocidade, entregue a seus pensamentos.

Seus amiguinhos eram os passaros do parque e as flores do jardimzinho de que ella cuidava. Vivia entregue a si mesma. Seu pae não perguntava por ella, nem pedia satisfação do que fazia. Tudo lhe era indifferente. Dir-se-ia que não tinha coração. São quando fitava o retrato de sua companheira,  que um bom observador poderia descobrir um quê em seus olhos vidrados.

Leda Dionne, a filha do banqueiro, era uma boa remadora. Criada perto do mar, desenvolvia seus musculos um tanto fracos, dedicando-se ao remo e  natação. Naquelle dia tinha feito uma manhan quente demais, o que fazia esperar uma forte trovada,  tarde.

Estava Leda Dionne recostada numa *chaise-longue* no avarandado que dava para o mar, quando um forte trovão a fez estremecer. Olhando então assustada para o mar, viu até então culmo e risonho, e



PENNA, AGULHA E COLHER

—Publicação semanal—  
Assignaturas

Anno. . . . . 2\$000  
Mez . . . . . \$200

Pagamento adiantado

Quem obtiver 10 assignaturas annuaes pagas terá direito a uma gratuita.

A assignatura annual para os assignantes da «Epoca» custa 1\$000.

tornára subitamente furioso, cuspidno alto as espumas brancas, um grito agudo escapou-se de seus labios. No mesmo instante pega no binoculo que se achava sobre a mesinha, e, firmando-o na vista, olha attentamente para o sul, onde sua vista firme vira um ponto negro a balançar sobre as ondas.

Não se enganara. Um barco contendo duas pessoas lutava contra a morte. Desgraçados! Saberiam elles que, se não viesse soccorro, estariam perdidos? Não perguntando si isso lhe poderia vir a ser fatal, tomou seu capote de borracha, e, lançando-se em seu barco «Affonso Claudio», afastou-se da terra com fortes remadas. Foi um trabalho terrivel. Suas mãos crispavam-se e seus olhos pareciam querer saltar fóra das orbitas. Até que enfim chegou perto do barquinho que já virára e no qual duas creanças se agarravam, bradando por soccorro.

Com um esforço sobrehumano, segura uma e depois outra creança e as põe em seu barco. Remou depois para casa. Esta empresa foi mais facil, pois o vento era favoravel e as ondas arrebatavam o barco para a praia. Chegada em terra, só teve tempo de saltar e entregar as creanças a os creados que tinham visto tudo de casa e tinham corrido para a praia.

Uma onda de sangue escapou-lhe dos labios, tingindo de vermelho seu vestido branco. Fizéra muito esforço, e a tísica, o mal que perseguia sua familia, e esperava só uma occasião para se manifestar no corpo fraco de Leda Dionne, revelara-se então.

Quando despertou da syncope que a envolvera, estava deitada no divan. A porta abriu-se nesse instante e o banqueiro entrou acompanhado do medico. Elle parecia ter envelhecido 10 annos. Ansioso, acompanhava os movimentos do medico, e um profundo suspiro escapou-se de seu peito que já tanto soffrera. O medico levantou-se.

Mudo, fez um signal para que o acompanhasse, e, no *boudoir* da infeliz jovem, revelou tudo ao desgraçado pae.

— Está tudo perdido. A tísica já ha muito que a vem perseguindo. Resignação, meu velho amigo. Não ha remedio para este mal que já lhe arrebatou a esposa. Não desespere.

Dizendo isto, apertou com amizade a mão daquelle pobre homem e sahiu.

Mais tarde, quando se achava junto do leito de sua filha, é que despertou no peito do banqueiro pela primeira vez o amor por ella. Foi então que, estando prestes a perdela, sentiu o que é amor paternal.

A noite descia silenciosa e já a lua imperava no céu, quando Leda Dionne abriu os olhos. Admirada olhou em volta de si. De repente levantou-se. Angustia de morte transformou-lhe o semblante. E... num ultimo suspiro, deixou-se cahir nos braços de seu pae que correra para a amparar.

Foi assim que morreu Leda Dionne, que nunca conhecera a verdadeira felicidade neste mundo. Porém lá no céu sua boa mãezinha a esperava sempre e lhe preparava a felicidade do amor maternal.

Nora Sanfelice.

Dominios da Esphinge

Quarto torneio charadistico  
(Julho, Agosto e Setembro)

48) SYNCOPADA

3 A mulher valorosa mostra-se na  
peleja - 2 *Heloisa*

49-53) NOVISSIMAS

Deus nos livre delle, na fazenda; é um  
bandido! —1,2.

Eis a iruta que a al mulher deu ao  
animal - 2,1.

*He'oisa*

A' eximia charadista Heloisa

O' homem não vê: que este homem  
tem uma cicatriz no rosto? —1,1

Este homem tomou uma bebida por  
g acejo - 2,1

Não tens pena do teu professor que está  
numa situação tão afflictiva? —1,2

I. A.

Por ter chegado tarde, deixa de sair um  
artigo de Heloisa; por falta de espaço, só  
no proximo numero continuará o conto de  
Ancilla Domini.



## ASSUMPTA EST !

(15 de Agosto)

(Versão livre do hespanhol)

Salve, Mãe toda amor, cuja pureza  
É a maior riqueza

Que tua alma riquissima enthesoura !  
Só tu és das virtudes o complexo,  
O' fulgido reflexo  
Da belleza de Deus encantadora !

Salve, Mãe do meu Deus ! Teu doce nome  
Afugenta e consome  
Desta vida o desgosto, o soffrimento:  
Toda vez que o mortal mui pressuroso  
A ti corre esp'rançoso,  
Tu minoras, boa Mãe, o seu tormento !

Salve, doce consolo do que chora !  
Do que tua graça implora  
Jamais se ouviu que te invocára em vão!  
Por isso, ó boa Mãe, teu poder canto  
E a amargura espanto  
Meditando c'o amor teu coração !

Quem, quando te conhece, não te ama,  
Si és brilhante chamma,  
Que do mundo dissipas os gemidos ?  
Quem te não servirá constantemente,  
O' Virgem complacente,  
Que tens gosto em ouvir nossos pedidos?!

Spero, pois, que me ampires, Mãe bemdita!  
Oh! vem! Em mim palpita  
Voz ignorada, voz que não se escuta,  
Rumor que não percebe humano ouvido...  
Por ti seja contido,  
Mãe, o furor com que minh'alma luta !

Desfaze-o com teu sopro omnipotente,  
Bondosa e mui clemente  
Maria, mãe querida do meu Deus !  
Lá do céu onde foste coroada,  
O' minha Mãe amada,  
Não l'esqueças, jamais, dos filhos teus!

Zeuir Alcéa.

## Diario da Filha de Maria

Recoser a vida

II

numerosas as cousas dos rasgões,  
o da vida:

a e molleza—que nos impedem  
sobra desde que o dia começa.  
de tempo—a folhear um  
lbum, a ler um jor-

*Falta de ordem material*—que exige muito tempo para achar o que é necessario.

*Interrupção do trabalho*—sem outra causa sinão um accesso de phantasia creando uma imagem que, passando diante do espirito, o faz sorrir, o captiva, torna-o sonhador.

*Necessidade de mudar de occupação*—deixando em meio o que se tinha principiado, só para começar outro trabalho mais agradável! Oh! tristes os dias em que cada hora offerece um começo de qualquer cousa!

*Futilidade*—na escolha de livros, que se procura que sejam, acima de tudo, recreativos.

*Aborrecimento*—por ter-se que sujeitar ao jugo dum regulamento imposto, o qual se repelle, murmurando contra quem o exige.

(Continúa)

## Contenta-te com o que és!

Fabula dramatica em 5 pequeninos actos

Adaptação de Edésia Aducci

PERSONAGENS:

Principe; princeza; Carlota, sua filha;  
Severina, aia de Carlota; Irma, Elsa,  
Ernestina e Hilda, damas de honor; d.  
Catharina, camponeza; Rosinha, sua fi-  
lha; João e Francisco, irmãos de Rosi-  
nha; Margarida, Elisa e mais creanças  
filhas de camponezes; uma fada; anões:  
Atalaia, Kinik, Kinak e outros; duas  
copeiras.

ACTO V

O scenario do 1º. acto

SCENA IV

Carlota e Rosinha

ROSINHA—(chegando a correr) Sim!  
sou mesmo eu... ou... não, não sou eu! Oh!  
si eu fosse eu mesma!... Eu fugi de lá, por-  
que não podia mais aguentar aquella vi-  
da!

CARLOTA—Eu tambem não fico mais  
aqui! Eu quero voltar para a casa de  
meus pais! Vem, Rosinha, vamos ter com  
a boa fada!

ROSINHA—Sim, si eu tivesse a chave!  
Mas eu não vou mais ao castello, porque  
me querem prender. Com certeza já andam  
á minha procura.

CARLOTA—(quasi chorando) Que ha  
de ser de nós, Rosinha? pois que ninguem  
acreditará em nossas palavras, porque esta-  
mos encantadas... (sentam-se a chorar.)

SCENA V

(Emquanto choram, apparece o anão Ata-  
laia, que mexe com ellas, rindo, até que  
dêem com a sua presença.)



ROSINHA e CARLOTA—(levantando-se assustadas) Quem está ahí?

ATALAIA—Eu sou o mensageiro da fada, que manda perguntar-vossi ainda não estais arrependidas de ter trocado os vossos logares.

AS DUAS—Oh! sim, estamos muito arrependidas!

CARLOTA—...e desejamos muito voltar para a casa de nossos pais! Faze, portanto, com que nos conheçam outra vez, querido homemzinho!

ATALAIA—Sim, satisfarei o vosso desejo, mas só si prometterdes estar sempre contentes, daqui em diante, não mais desejando a sorte dos outros.

AS DUAS—Sim, nós o promettemos!

ROSINHA—...e nunca mais cara feia!

ATALAIA—Pois bem: será satisfeito o vosso desejo. Ide para casa, e todos vos conhecerão outra vez; mas não vos esqueçais da proveitosa lição! (Sae)

### SCENA VI

#### Carlota e Rosinha

CARLOTA—Estou contentissima por ter a boa fada se lembrado de nós. Olha, Rosinha, lá vêm meus pais e minha preceptora.

ROSINHA—Adeus! Elles me procuram, por isso... pernas para que te quero!

(Continúa).

## PARABENS

*Parabens! Em teu primo natal,  
Adornar-te quizera de flores;  
Reparando, porém, não as acho,  
Vil mendigo esses gratos primores.  
Bem quizera!... Mas supra o impossivel  
Este voto de quem só te quer  
Zobre, bella, bem util, querida  
Sempre ver - Penna, Agulha e Colher.  
Fpolis, 12-8-918.*

Fabiola.

## Tarde triste

### A uma amiga

Era ao cahir da tarde. Estava eu sentada num banco, junto a uma mesa tosca, quando, de repente, ouvi um languido piar de passarinho; escutei attentamente, e notei então que elle chamava um outro, o qual, voando de uma arvore proxima, correu ao seu encontro. Era que o primeiro passaro estava arranjando um macio ninho, e, naturalmente, queria mostral-o.

Eu já havia lido alguns trechos bem saluta-

res de um livro que tinha levado para o bosquezinho, onde me achava sentada.

Esse pittoresco lugar era formado por um grande numero de bambueiros, os quaes dão para um pequeno rio, onde se vê, continuamente, um lindo barcozinho. Levantei-me e fui apreciar o rio. Como estava lindo!... O sol, que ainda não havia desaparecido de todo no horizonte, reflectia seus raios luminosos nas crystallinas aguas! Fiquei deslumbrada! Só faltou extasiar-me. Lembrando-me, porém, que, naquella hora me achava só nesse retiro, separada dos que me são tão caros, fiquei triste... Mas, em seguida, oh! almas tristonhas, recordei-me que eu, apesar de me sentir só, não podia nem devia tornar-me triste, pois ha um ente superior, que eternamente nos acompanha, e esse Ente, que todos nós conhecemos—é Deus!

Foi só a lembrança d'Elle, que não me deixou esvair em pranto.

Caras jovens, devemos dar graças ao Criador, que, jamais, de nós se abasta, por termos a grande dadiua de O conhecer e poder amal-O, porque só Elle, nos tristes momentos da nossa vida, poderá dar-nos o conforto sufficiente, de que tantas vezes necessitamos!...

Villa da Saudade, 30-7-18.

Violeta

## PARABENS!

Não me seria possivel deixar passar o 1º anniversario da «P., A. e C.» sem dirigir a Zenir Alcêa estas modestas linhas, cheias das minhas mais sinceras felicitações e ardentes votos pelo successo deste pequeno semanario, não sómente durante o anno que começa, mas durante muitos e muitos outros.

Apesar das muitas difficuldades com que teve que lutar, o nosso jornalzinho pôde vencer um anno de existencia! Coragem, pois! Tudo nos sorri e alegre, porque o peor já passou; esperamos confiantes não só naquella cujo cargo é de mais responsabilidade, mas tambem no auxilio de todas as collaboradoras, porque só então levaremos avante a boa idéa e intenção de Zenir Alcêa, de desenvolver o preparo intellectual das donzellas.

Devemos, pois, felicital-a de todo o coração, continuando a ajudal-a como pudermos para que o segundo anno da «P., A. e C.» seja muito feliz e pouco trabalhoso para nossa cara directora.

São os votos da